

ANTÓNIO JOSÉ AVELÃS NUNES

1. – Pede-me a Etelvina um breve depoimento para um livro *sobre o* (e creio que também *do*) Manuel Louzã Henriques.

É um daqueles pedidos a que só poderia dizer que sim.

Porque é uma honra para mim estar ao lado do Manel num momento destes. E porque o satisfaço com enorme alegria, contribuindo, assim, modestamente embora, para esta espécie de homenagem ao meu Amigo e Camarada Manuel Louzã. Uma homenagem singela, como convém a uma pessoa como ele, apesar de – quero dizê-lo aqui – ele ser merecedor de todas as homenagens.

E também porque, desde que os conheço, aprendi que o Manel e a Etelvina são seres inseparáveis, que formam um todo, de tal forma que nem sempre é fácil saber onde começam as virtudes de um e os defeitos do outro, e onde acabam os defeitos de um e as virtudes do outro. Ambos, como se fossem um só, têm enfrentado a vida, que nem sempre lhes tem sorrido como eles merecem. Esta recordação-homenagem a propósito deste livro sobre o/do Manel é também, por isso mesmo, um modo de lembrar e de homenagear a Etelvina.

2. – Não foi fácil sentar-me para escrever. Porque sabia de antemão não dominar as artes indispensáveis para bem cumprir a tarefa. Ciente de não estar à altura do homenageado, comecei a olhar para o papel à minha frente (textos destes não consigo escrever directamente no computador... coisas da idade). E começou a passar diante de

mim o filme da minha já longa relação de amizade com o Manuel Louzã.

Como ele, apesar de alfabetizado, raramente escreve, concluí que, para falar dele, tinha de falar da nossa convivência. E isso tornou ainda mais complicado o cumprimento da minha promessa. Até que percebi que, em qualquer circunstância, falar dos Amigos é, em larga medida, falar também de nós próprios, tanto mais quanto mais a vida nos aproximou e nos permitiu absorver dos Amigos algo da sua sabedoria, da sua sensibilidade, da sua maneira de ser. Falar do Manuel Louzã vai ser, afinal, um prazer. Embora saiba que não vai ser fácil realizar este meu desejo, só me resta desejar que ele sinta prazer igual quando ler esta prosa.

3. – Quando comecei a ouvir falar dele, eu era ainda um jovem "escolar de leis", vindo lá das "berças", pouco entrosado nos meios sociais da "cidade", mas progressivamente interessado em acompanhar a luta anti-fascista. E o Louzã Henriques – este foi o nome pelo qual o conheci – era já um "herói" dessa luta na pacata Coimbra da viragem dos anos 1950 para a década de 60.

As referências ao Louzã Henriques vinham com frequência nas conversas com alguns Colegas e Amigos pertencentes ao TEUC (Teatro dos Estudantes da Universidade de Coimbra), nas conversas com Colegas e Amigos nas repúblicas minhas vizinhas (em especial os Kágados e a Prá-Kys-Tão, mas também a Ay-Ó-Linda), e nas conversas mais alargadas à gente da Sé Velha, em que participavam vários activistas do *Ateneu de Coimbra*, que conheciam o Louzã de actividades não académicas. E o "mito" ia crescendo dentro

de mim, tanto mais que eu não o identificava pessoalmente, se o visse na rua.

Só vim a identificá-lo numa das Noites do Parque da Queima das Fitas do ano em que ele era finalista de Medicina (1960?1961?) e em que apresentou, em "palco" de livre acesso, um "número" muito apreciado pela assistência. Para mim, foi bom tê-lo visto nesta sua humana qualidade, porque me apercebi de que, afinal, o "mito" era também um jovem como os outros, que gostava de brincar e de gozar a vida. E este conforto interior consolidou-se dentro de mim quando – creio que na mesma Queima das Fitas – o vi actuar com grande brilho, como toureiro amador, na Garraçada que decorreu na Praça de Touros da Figueira da Foz, onde se apresentou em parceria com um ilustre colega de curso, Pascoal Montezuma de Carvalho.

Mais tarde, foi ele que me falou do seu *brevet* de aviador. Mas esta sua outra actividade da juventude não foi por mim testemunhada pessoalmente. Foi ele próprio que decidiu não renovar o *brevet*, para não levantar suspeitas, numa altura em que começou a "cheirar-lhe" que poderia ser preso.

4. – Entretanto, foi-se acentuando a minha participação no movimento associativo dos estudantes de Coimbra e as referências ao Louzã Henriques tornaram-se-me familiares. Depois de ele ter sido preso pela PIDE e encerrado nas cadeias salazarentas, algumas vezes o invoquei, no meio de discussões pela noite fora, às vezes acesas, sobre questões associativas (que eram, para nós, questões políticas), para dizer a alguns colegas (com os quais, de vez em quando, não estava de acordo) que o Louzã Henriques fazia muita falta em Coimbra...

Numa Comissão alargada que se constituiu depois da prisão dos membros da Direcção-Geral da AAC (Maio/Junho de 1962) participava o Ciniro Afonso (*Cynirus Alphonus*, na sua veste de *Dux Veteranorum*). Na primeira reunião dessa espécie de "Conselho da Revolução", o Ciniro aproximou-se de mim e disse-me: Eu sou amigo do Manuel Louzã; nestas reuniões, vou sentar-me ao teu lado e votarei sempre contigo. Devo, pois, ao Louzã o ter conhecido o Ciniro, que era um coração de ouro, um Amigo incondicional dos seus amigos. Quiseram que fosse médico. Mas ele tinha raízes no campo e preferiu viver e morrer como camponês e como comunista.

5. – Não recordo em que circunstâncias, mas, a partir de finais de 1962, comecei a aparecer pela Brasileira e a sentar-me na mesa onde se reuniam os do "contra" (lá para os fundos, havia outra mesa que era a mesa dos "fascistas"): Paulo Quintela, Rui Clímaco, Joaquim Namorado, Santos Ventosa, Mário Vilaça. Por lá apareciam também a Etelvina e a Natércia Vilaça (o Alberto Vilaça estava também na cadeia, preso e condenado pela PIDE).

Foi assim que conheci a Etelvina e comecei a acompanhar mais de perto a situação do Manel. Já eu estava em Lisboa (onde eu cumpri o serviço militar obrigatório, de Setembro de 1963 até 1966), a Lena foi colocada como professora no Liceu Passos Manuel (o que nos permitiu casar em finais de 1964). Neste período a Etelvina conseguiu ser nomeada para o serviço de exames no mesmo Liceu Passos Manuel, o que lhe permitia ganhar um dinheirito e ficar mais perto de Caxias, onde o Manel continuava preso.

A informação sobre ele chegava, agora, mais directa e mais frequente.

Até que o Manel saiu da cadeia. Quando foi preso, o nosso Dr. frequentava o estágio então indispensável para poder inscrever-se na Ordem dos Médicos e exercer a Medicina. Concluiu o estágio depois de ter saído da cadeia, mas teve de esperar cerca de um ano pelo diploma que atestava a sua licenciatura em Medicina.

Para além da PIDE, talvez houvesse gente na Universidade a defender a tese de que um condenado a pena de prisão maior não podia ser médico (com esse argumento, tiraram-lhe a carta de condução). Por essa altura foi muito falada a "pulhice" que lhe fizeram a este propósito. Tanto quanto sei, foi o Reitor Guilherme Braga da Cruz que ordenou lhe fosse passada a respectiva carta de curso, porque ele tinha feito tudo o que as leis em vigor exigiam para ter direito a ela.

Com o "canudo" nas mãos, foi impedido de aceder a qualquer lugar na carreira hospitalar. Valeu-lhe o Dr. António Nunes Vicente, que o convidou para trabalhar com ele na sua clínica particular. Algum tempo depois, foi a vez de o Doutor Duarte Santos o procurar para lhe dizer que, tendo decidido encerrar o seu consultório de médico psiquiatra, o Manuel Louzã poderia ficar com ele, fazendo lá a sua clínica, se tal lhe interessasse. Ele decidiu continuar a trabalhar com o Dr. Nunes Vicente, até abrir, anos mais tarde, o seu próprio consultório, na Av. Sá da Bandeira. Nele trabalhou anos a fio, diariamente, depois de um breve "estágio" na *Marques*, para conversa com Amigos e abastecimento de café e tabaco.

6. – Não sei a certo quando conheci pessoalmente o Manel Louzã, nem em que circunstâncias isso aconteceu. O que sei é que, já depois do 25 de Abril, as nossas famílias se aproximaram muito, passando quase todos os fins de semana juntos no Candal, na casa onde o Manel e a Etelvina arranjaram um quarto para nós. Foram anos de convívio fraterno, que quando comigo com grande carinho.

No Candal, como "território independente", havia de tudo, até uma Universidade. O Manel Louzã – que poderia ter sido professor de outras Universidades – fundou a sua *Universidade do Candal*, da qual foi Reitor e Professor. Durante anos, animou-a com actividades de vária natureza, para as quais convidava muitos dos seus amigos. Peça importante era a Biblioteca (que eu e o Manel fomos guarnecendo), instalada no Salão Nobre, no piso superior, com uma bela vista sobre o vale. Acessórios indispensáveis para acompanhar toda a intensa actividade intelectual eram os cinzeiros e a máquina de fazer café (que "trabalhavam" quase ininterruptamente), além da salamandra, nas noites de Inverno.

Naquelas sessões, com público variável, conversava-se sobre tudo, porque o Manel Louzã é um verdadeiro enciclopedista (talvez melhor: um sábio renascentista), fiel à ideia de que o que conta é a *formação integral do indivíduo*.

Falava-se de Medicina, é claro, sobretudo de Psiquiatria e de Neurologia. Mas atrás destes temas vinham as dissertações sobre questões de Biologia, de Física e de Geologia (relacionadas com o aparecimento do universo e a origem da vida) e as explanações sobre temas filosóficos, tão do agrado do Prof. Manuel Louzã.

Falava-se de literatura, porque o Manel lê tudo e recorda-se de tudo o que lê, graças a uma memória poderosa, que tanta inveja me faz.

Falava-se de música, porque de música sabe o Manel, sobretudo de música popular. Por isso – e por outras razões – o procurava o Adriano Correia de Oliveira, a quem o Manel e a Etelvina dedicam, até hoje, uma ternura paternal/maternal. Por isso o procuraram, como consultor e inspirador, os rapazes da Brigada Victor Jara. Por isso era frequente alguns jovens músicos aparecerem no Candal, onde tocavam e cantavam acompanhados pelo Manel, que toca guitarra portuguesa, e banjo, e bandolim, e cavaquinho, e acordeão e concertina (e talvez ainda outros instrumentos que eu esqueço ou desconheço).

No meio destes concertos, vinham lições sobre cada um destes instrumentos e sobre a arte de os construir, e sobre a sua inserção na cultura popular. E daqui passava-se para a Antropologia e para a Etnografia. Os olhos brilhavam-lhe quando o Manel falava dos instrumentos musicais que foi coleccionando, a par dos carros de bois, dos arados e de vários outros instrumentos de trabalho nos campos, que hoje estão expostos no *Museu Etnográfico Dr. Louzã Henriques*, que a Câmara Municipal da Lousã instalou na casa que pertenceu aos pais do Manel.

Nestas sessões "universitárias" falava-se de política, claro. Neste campo, evitava sempre falar dele. Mas, quando se falava de Gorbatchev, o Manuel Louzã introduzia sempre na análise, para além dos argumentos racionais, a "sabedoria" que lhe vem do seu "sexto sentido", rematando com o velho

dito popular: "o deus nosso senhor o marcou, é porque algum defeito lhe encontrou...". *Vox populi, vox dei...*

A reboque da política vinham muitas vezes referências à Maçonaria, tema que ele conhece razoavelmente. E, neste capítulo, era raro não vir à baila a recordação da velha e ternurenta amizade com o Dr. Fernando Valle.

E falava-se muito de História (que deveria ser a mestra dos políticos), porque o Reitor Manuel Louzã gosta muito de História, sabe muito de História e gosta muito de contar histórias, sobretudo histórias que têm o povo como herói colectivo, que são, afinal, as histórias de que se faz a História verdadeira. De entre estas, era sempre com entusiasmo romântico que o Manel falava dos feitos da guerrilha liberal animada por João Brandão, o chefe guerrilheiro natural de Midões, ali para os lados de São Martinho da Cortiça (*Cortiça Queimada*, até que lhe mudaram o nome).

Era e é gostoso ouvir o Manuel Louzã falar de histórias de Coimbra, da sua Academia e das ideias que por ela têm passado, histórias das lutas estudantis e das lutas populares, histórias da boémia coimbrã, histórias sobre a história do fado de Coimbra e da guitarra de Coimbra, realçando sempre os nomes de Artur Paredes e de Carlos Paredes (que revolucionaram o som e o modo de tocar a guitarra de Coimbra) e os de António Menano e de Edmundo Betten-court, que modernizaram e valorizaram o canto coimbrão.

E com que carinho e conhecimento ele falava e continua a falar das Repúblicas de Coimbra, em especial da sua *República Palácio da Loucura*, com histórias que envolvem gente como os irmãos Araújo Correia, o Ataliba (que eu só conheço destas histórias), o Diamantino (*Guitas*, como

carinhosamente era conhecido), o Flávio Sardo, o Mário Medeiros, o Augusto Camacho (a "camachal figura"), o Herberto Hélder, o Zé Vitória, e tantos outros Amigos.

7. — Como qualquer Universidade que se preza, a *Universidade do Candal* ocupou-se também da *extensão cultural*.

Deram brado as sessões de Verão na antiga escola primária do Candal, onde decorriam bailes animados, às vezes com música ao vivo, a cargo de músicos vindos de vários pontos da Serra da Lousã, especialmente tocadores de concertina, com os quais o Manel se misturava com grande à vontade e com indisfarçável prazer.

Para festejar as tradições populares, durante alguns anos o Manel e a Etelvina promoveram a festa da matança do porco, realizada com todo o cerimonial exigido pelas circunstâncias, e seguida de celebrações condignas das artes da gastronomia.

Estas mereceram, ao longo dos anos, particulares cuidados na programação da extensão cultural da *Universidade do Candal*. Para elas eram convidados especialistas de renome (mormente na arte de comer e de beber), nomeadamente quando se festejava o arroz de lampreia, a sardinha assada ou a chanfana. Inesquecíveis são os pequenos almoços de leite de cabra acompanhado de castanhas piladas, que o adoçavam sem necessidade de outro açúcar.

Nestas matérias, o Reitor Manuel Louzã ocupava-se quase em exclusivo das tarefas de anfitrião, sempre difíceis e muito exigentes em saberes de etiqueta e de diplomacia em geral. Não que ele não seja bom cozinheiro. Quem o conhece já o ouviu, por certo, recitar muitas receitas de comer e chorar por mais. Mas eu nunca as provei, feitas

por ele. Repetidamente ameaça fazer um arroz de sardinha que ele diz ser "uma delícia", mas devo deixar claro que nunca provei esta iguaria. Não sei, por isso mesmo, se devo lamentar ou se devo regozijar-me por este facto.

8. — Talvez esteja a exagerar um pouco no estilo brincalhão. Mas a verdade é que, embora falando a sério de coisas sérias e de uma pessoa séria, creio que o Manel não gostaria que eu usasse aqui um estilo formal e grandiloquente, que ele consideraria acaciano e de mau gosto, contrário à sua maneira de ser.

Sabem-no bem os que o conhecem. Mas fiquem-no a saber também os que o não conhecem. O Dr. Manuel Louzã Henriques não é apenas um psiquiatra competentíssimo (os seus doentes vinham de todo o país para o consultar). É igualmente um cidadão exemplar, que nunca desertou na luta contra o fascismo e que está sempre presente quando se trata de lutar pelo socialismo. Mas é também um homem de cultura, um *homem culto*, na acepção mais exigente que esta expressão pode ter.

Por excessiva modéstia, por exagerada exigência para consigo mesmo, por muitas outras razões, incluindo uma certa dose de preguiça (defeito/virtude a que nem os deuses são imunes), o Manel Louzã sempre foi avesso a passar ao papel as suas reflexões, mesmo aquelas que alinhava para intervir como conferencista (centenas de vezes, por todo o País), sobre temas de Psiquiatria, ou de Política, ou de Literatura, ou de Música, ou de História, ou de Filosofia, ou de Antropologia, ou de Etnografia. Muitas vezes o acompanhei e o ouvi quando ele ia aqui ou ali "levar a palavra de deus".

Era um gosto ouvi-lo falar e era reconfortante ver o carinho com que as pessoas o acolhiam e o escutavam.

Dele bem se pode dizer que é um livro aberto. Felizes os que puderam "ler" este livro. Felizes os que podem continuar a "lê-lo". Porque ele é o livro de uma vida, um livro cheio de sabedoria.

9. — Trouxe aqui à conversa alguns amigos do Manuel Louzã, certo de que eles gostariam de estar presentes nesta homenagem ao Manel e certo de que o Manel se sente feliz com a presença deles. É claro que não referi todos os que mereceriam estar aqui e que gostariam de estar aqui. E é claro que não referi os Camaradas do PCP (recorda sempre especialmente os que com ele partilharam a prisão), nem os companheiros do TEUC e da Tuna, de que foi instrumentista e apresentador. Nem os Amigos que fez no consultório. Nem os muitos Amigos espalhados por toda a Serra da Lousã.

Em meu nome e em nome deles, aqui te deixo um abraço, meu caro Manel. E um beijo para a Etelvina.